

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO CAMPUS CAMPOS BELOS
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS DE ENSINO EM
HUMANIDADES**

SARA DIAS DOS SANTOS

**A Contribuição do professor de História na formação social
do estudante no Ensino Fundamental II.**

**CAMPOS BELOS /
GO 2024**

SARA DIAS DOS SANTOS

A Contribuição do professor de História na formação social do estudante no Ensino Fundamental II.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Pós- Graduação *Lato Sensu* em **Especialização em Práticas de Ensino em Humanidades** como requisito para a obtenção de título de Especialista.

Orientador(a): Profa. Ma. Samara Gonçalves Lima

SARA DIAS DOS SANTOS

A Contribuição do professor de História na formação social do estudante no Ensino Fundamental II.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Pós- Graduação *Lato Sensu* em **Especialização em Práticas de Ensino em Humanidades** como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista.

Aprovado em 10 de Outubro de 2024.

Profa. Ma. Maria Otávia Battaglin Loureiro
Professor Ens. Básico Tecn. Tecnológico IF Goiano - Campus
Campos Belos

Prof. Me. Adelson Barbosa dos Santos
Professor Universidade Estadual de Goiás – UEG Posse

Profa. Ma. *Samara Gonçalves Lima*
Professor Ens. Básico Tecn. Tecnológico IF Goiano - Campus
Campos Belos - Orientadora.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado) | <input type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação (mestrado) | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia (especialização) | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC (graduação) | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Sara Dias dos Santos

Matrícula:

2022206302640014

Título do trabalho:

A contribuição do professor de História na formação social do estudante no Ensino Fundamental II

RESTRICÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIIF Goiano: 28 /10 /2024

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Campos Belos - Goiás

Local

25 /10 /2024

Data

Sara Dias dos Santos

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Samara Gonçalves Lima

Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 20/2024 - UE-CB/GE-CB/CMPCBE/IFGOIANO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM PRÁTICAS DE ENSINO EM HUMANIDADES

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS CAMPOS BELOS

Aos dez dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 20 horas e 13 minutos, reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública presencial, para procederem a avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de Pós-graduação *Lato Sensu*, de autoria de Sara Dias dos Santos, discente do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Práticas de Ensino em Humanidades do Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Prof.^a. Ma. Samara Gonçalves Lima, que fez a apresentação formal dos membros da Banca, a Prof.^a. Ma. Maria Otávia Battaglin Loureiro e o Prof. Me. Adelson Barbosa dos Santos. A palavra, a seguir, foi concedida à discente para, no tempo de 15 min., proceder à apresentação de seu trabalho, intitulado **A contribuição do professor de História na formação social do estudante no Ensino Fundamental II**. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinada. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Práticas de Ensino em Humanidades, e procedidas as considerações recomendadas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi APROVADO SEM RESSALVA, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de ESPECIALISTA EM PRÁTICAS DE ENSINO EM HUMANIDADES, pelo Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega definitiva do TCC e cumprimento de todos os requisitos necessários, em acordo com a instrução normativa 01/2022 da Coordenação de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Justificativa e comentários sobre o trabalho:

A banca considerou que o trabalho apresenta qualidade acadêmica e científica. A apresentação do trabalho foi condizente com a parte escrita e há relevância para a área e para o debate teórico proposto.

Sugestões de alterações do trabalho:

- Conforme avaliação da banca, o trabalho não precisa de correções formais e/ou estruturais. Foram sugeridos dois encaminhamentos para adequação à publicação: paginação e inserção de um conceito educacional (Educação Bancária, de Paulo Freire) e fases da historiografia.

-

Assinado eletronicamente

Prof.^a. Ma. Samara Gonçalves Lima

Orientadora

Assinado eletronicamente

Prof.^a. Ma. Maria Otávia Battaglin Loureiro

Examinadora

Assinado eletronicamente

Prof. Me. Adelson Barbosa dos Santos

Examinador

Documento assinado eletronicamente por:

- Maria Otavia Battaglin Loureiro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/10/2024 11:44:01.
- Samara Goncalves Lima, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/10/2024 10:55:31.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 10/10/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 642281
Código de Autenticação: 961f72d19c



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Campos Belos

Rodovia GO-118 Qd. 1-A Lt. 1 Caixa Postal, 1, Setor Novo Horizonte, CAMPOS BELOS / GO, CEP 73.840-000

(62) 3451-3386



Documento assinado digitalmente

ADELSON BARBOSA DOS SANTOS

Data: 24/10/2024 10:26:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO ESTUDANTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

SARA DIAS DOS SANTOS¹

SAMARA GONÇALVES LIMA²

RESUMO: Este trabalho buscou compreender o papel do professor de História na formação social dos estudantes do ensino fundamental II, abordando a importância desse componente curricular para a formação cidadã dos alunos. Assim, os objetivos desta pesquisa foram identificar como o professor pode contribuir para a formação social dos estudantes e discutir sua atuação como agente de transformação social por meio de sua prática pedagógica. Como recurso metodológico, lançamos mão da pesquisa bibliográfica. Para debater e compreender o tema em estudo, seguimos os caminhos da pesquisa qualitativa, explorando e interpretando artigos científicos e textos já publicados de autores como Oliveira (2013), Esclarin (2006) e Libâneo (1994). A partir dos resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível compreender que o professor de História desempenha um papel crucial na formação social dos estudantes. As aulas de História são fundamentais para o desenvolvimento de valores, cidadania, ética e senso crítico, possibilitando que os estudantes compreendam o contexto em que vivem e tenham uma visão crítica sobre o passado e o presente, tornando-se, assim, cidadãos mais conscientes e engajados na sociedade.

Palavras-chave: Professor. História. Formação Social. Estudantes.

ABSTRACT: This work sought to understand the role of the History teacher in the social formation of elementary school II students, addressing the importance of this curricular component for the students' citizenship education. Thus, the objectives of this research were to identify how the teacher can contribute to the social formation of students and to discuss his (or her) role as an agent of social transformation through his (or her) pedagogical practice. As a methodological resource, we used bibliographical research. To discuss and understand the topic under study, we followed the paths of qualitative research, exploring and interpreting scientific articles and previously published texts by authors such as Oliveira (2013), Esclarin (2006), and Libâneo (1994). Based on the results obtained through bibliographical research, it was possible to understand that the History teacher plays a crucial role in the social formation of students. History classes are fundamental for the development of values, citizenship, ethics, and critical thinking, enabling students to understand the context in which they live and to have a critical perspective on both the past and the present, thus becoming more conscious and engaged citizens in society.

Keywords: Teacher. History. Social development. Students.

1. INTRODUÇÃO

A temática em torno do papel político e social do professor, especialmente o de História, é de fundamental importância no contexto educacional, sendo essencial discutir se sua prática pedagógica está voltada para promover transformações significativas na sociedade. Para Chalita (2001), o professor conduz o processo de crescimento humano e

¹ Discente do Curso de Especialização Práticas de Ensino de Humanidades do Instituto Federal Goiano - Campus Campos Belos. sara.santos@ifgoiano.edu.br

² Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. Orientadora. samara.lima@ifgoiano.edu.br

formação cidadã. A prática pedagógica, enquanto mediação do ensino-aprendizagem, transcende os conteúdos, abrangendo também a formação social dos estudantes.

Diante disso, este estudo apoia-se em autores que defendem uma educação contextualizada e transformadora, voltada para o desenvolvimento crítico dos estudantes, tais como Freire (2011), Libâneo (2008), Paiva (2015), Nidelcoff (1979), Borges (1980), Bloch (1949), Rüsen (2017). Com efeito, o desenvolvimento crítico dos estudantes está intrinsecamente ligado à atuação do professor no contexto de sua prática pedagógica em sala de aula. Neste estudo, o foco é direcionado ao professor de História, visto como agente corresponsável pela formação social dos estudantes e pelo desenvolvimento de sua compreensão crítica do passado e da relação deste com a realidade atual.

Nessa perspectiva, o conhecimento se configura como uma ferramenta de transformação social, e o professor de História se destaca como agente que conduz os estudantes a uma consciência crítica que supera o senso comum. O objetivo do ensino de História, segundo Nascimento (2009), é promover uma visão reflexiva dos acontecimentos, permitindo aos alunos compreenderem que os eventos históricos são experiências significativas que moldam a sociedade atual.

O objetivo geral desta pesquisa é, desse modo, compreender o papel do professor de História na formação social do estudante do Ensino Fundamental II, e os objetivos específicos são: a) identificar o papel do professor de História no Ensino Fundamental II; b) discutir como o professor de História pode atuar como agente de transformação social nesse contexto.

O trabalho parte da discussão sobre as limitações, desafios e possíveis avanços nesse contexto educacional, buscando compreender como ocorre a formação social dos estudantes em um processo multifacetado que envolve diversos atores e fatores. Para guiar a pesquisa, propõe-se o seguinte questionamento: como o professor de História pode contribuir para a formação social dos estudantes no Ensino Fundamental II? Dessa forma, serão discutidas questões relacionadas ao ambiente educacional no ensino de História, abrangendo a abordagem de conteúdos, a promoção de debates, o estímulo à participação cidadã e a desconstrução de estereótipos.

A escolha dessa etapa do Ensino Fundamental justifica-se por ser um período de grandes mudanças para as crianças, que precisam lidar com transformações hormonais, emocionais e psicológicas, além de se adaptarem a um novo modelo curricular.

Portanto, pesquisar o papel social do professor de História no Ensino Fundamental II, com base em autores que discutem essa temática, é relevante por enriquecer o embasamento teórico, promover a reflexão crítica, melhorar a prática pedagógica e

contribuir para a transformação social e o avanço acadêmico nos estudos sobre o ensino de História.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O papel do professor no contexto da educação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/96) estabelece que a educação abrange todos os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, no trabalho, na convivência e nas organizações sociais e culturais da sociedade, sendo um direito de todos e um dever do Estado e da família. Dessa forma, a educação torna-se obrigatória e gratuita, sendo definida em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, e Ensino Médio (Brasil, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular, no campo das Competências do componente curricular de História, diz que é preciso:

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.³

Libâneo (1994) ainda aponta que o ato de ensinar e aprender é um processo de assimilação prático-sensorial proporcionado pelas ações mentais que configura o pensamento. Dessa forma é de fundamental importância que nesse processo educacional aconteça uma interação sensorial na prática pedagógica do professor.

³ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 402. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

Nesse sentido, entende-se que a educação é um fenômeno que está além da transmissão de conhecimentos, valores, normas e habilidades e está presente em todas as sociedades desde os primórdios da humanidade. Quando o processo ensino aprendizagem não acontece de forma simultânea entre professor e estudante, Freire (1987) vai dizer que se torna uma educação bancária na qual apenas o professor fala e o estudante escuta sem nenhuma contextualização. Nesse sentido esse autor afirma que: “ à memorização mecânica do conteúdo narrado, transforma os estudantes em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Freire (1987, p.37)

Para Delors (2003, p. 22) “a educação é também, uma experiência social em contato com o qual a criança aprende a descobrir-se a si mesma, desenvolve as relações com os outros e adquire bases no campo do conhecimento e do saber fazer.” Dessa forma, a educação também tem a responsabilidade de trabalhar o social, para contribuir com a criança em sua formação de habilidades e aptidões para conviver em sociedade.

A principal função social e pedagógica da escola, de acordo com Libâneo (2008), é assegurar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, operativas, sociais e morais por meio de seu empenho na dinamização do currículo, no desenvolvimento dos processos do pensar, na formação da cidadania participativa e na formação ética.

Coadunamos com Paulo Freire (2003, p. 40) quando afirma que “a educação é sempre uma certa teoria posta em prática [...]”. Assim, deve-se ter em mente que ensinar vai além de transmitir teorias. Nesse sentido, é primordial considerar as características únicas de quem está aprendendo, buscando sempre estratégias de unir teoria com prática baseada na realidade que o estudante já conhece, a fim de que a educação se torne significativa. Santos e Souza *et al* (2013, p. 3) refletem que “o ensino é o principal meio de progresso intelectual dos alunos, através dele é possível adquirir conhecimentos e habilidades individuais e coletiva”, sendo o professor essencial nesse processo.

Vale ainda ressaltar que o ensino e a aprendizagem podem acontecer em diferentes momentos e instituições, como na família, na igreja e no bairro. No entanto, na sociedade, existem instituições destinadas a um ensino estruturado e formalizado, que tem por base um conhecimento científico. Esse espaço é chamado de escola, onde ocorre a educação formal, ministrada por um profissional qualificado, chamado de professor ou educador.

Haja vista que esse profissional carrega consigo uma formação que vai além dos conteúdos programáticos. Para Santos (2010, p.25), “[...] é de fundamental importância compreender que a formação do professor começa antes mesmo de sua formação acadêmica e prossegue durante toda a sua atividade profissional”. Essa formação é pautada em

experiências, que se constroem diariamente, tendo como base de sustentação o humano.

Nesse sentido, Adrienne Freire (2009, p.79) acredita que:

[...] a formação do educador, em geral, esteja intrinsecamente relacionada com a formação do cidadão, seja ele criança, adulto ou jovem. Portanto, almejar uma educação de qualidade para as crianças, que contribua para a formação de sua cidadania (sujeitos críticos, criativos, autônomos, responsáveis, cooperativos, participativos) é estar permanentemente voltado para a formação das educadoras que com elas interagem. Por esta razão é importante afirmar que a formação do educador deva estar voltada para o desenvolvimento da criança como um todo, incluindo a formação social dela. Então, o educador contribuirá para a formação de um cidadão que saiba pensar e agir democraticamente dentro de um contexto social cada vez mais seletivo e exigente.

Oliveira (2013) aponta que o professor é a alma de um estabelecimento de ensino, pois cabe a ele contribuir para a formação de cidadãos. O professor não apenas compartilha informações, mas também orienta, inspira e desafia os estudantes a alcançarem todo o seu potencial. Além de ensinar conteúdos acadêmicos, ele assume a responsabilidade crucial de auxiliar na formação de habilidades essenciais para a sobrevivência na sociedade, promovendo valores éticos, pensamento crítico e a capacidade de enfrentar os desafios do mundo em constante mudança. Nas palavras de Castro e Frantz et al, 2020, p. 4

O professor é um dos protagonistas do processo educativo nos contextos escolares, que precisa ver e entender o mundo para cumprir seu papel profissional. Não é qualquer sujeito que pode ocupar o papel docente em uma sala de aula; mas somente um profissional munido de conhecimento científico e saberes pedagógicos, constituídos ao longo da carreira, que formam a identidade desse profissional.

Assim, entendemos que o papel do professor vai além de ensinar, pois apenas ensinar por ensinar não é eficaz. É necessário que ele compreenda a complexidade das dinâmicas sociais, emocionais e cognitivas dos estudantes, o que garante uma visão mais completa e contextualizada para compreender a realidade do aluno e ajudá-lo a vivenciá-la. Sendo assim, o educador não deve se limitar aos livros, mas deve criar uma ponte entre a informação e a realidade da criança. Ele se torna educador não apenas por possuir um diploma, mas por assumir a responsabilidade de educar e preparar pessoas para a vida em sociedade, uma vez que

a aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho (Libâneo, 1994, p.87).

A LDB estabelece no artigo 13, as funções predestinadas aos professores da educação básica.

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

- I** - Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II** - Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do

estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V - Ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI - Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (Brasil, 1996, p. 15).

De acordo com o estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o papel do professor não é mais concebido como o de um mero transmissor de informações. Em vez disso, a LDB reconhece o educador como mediador e gerenciador do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem. Essa lei enfatiza que os conteúdos ministrados em sala de aula devem ser contextualizados, considerando a experiência de vida do estudante e seu conhecimento de mundo. Portanto, o papel do professor vai além da mera transmissão de informações, envolvendo também a formação de cidadãos autônomos e críticos. Nessa perspectiva:

Os educadores devem transformar profundamente o papel que desempenham. Já não podem se perceber como meros dadores de aulas ou como cuidadores de crianças e de jovens enquanto seus pais trabalham, mas como educadores socialmente comprometidos com o país, que transformam as salas de aula e escolas em lugares de trabalho, participação, formação e produção. Precisamos de educadores solidamente formados que entendam que sua missão primordial é estimular a aprendizagem e a formação humana e cidadã de seus alunos, de todos seus alunos, e que o fracasso deles implica seu próprio fracasso (Esclarin, 2006, p.181).

No entanto, em sua prática pedagógica, é necessário que o professor conheça política, ética, família e também os fatos sócio-históricos locais e mundiais, para que o ensino e a aprendizagem dos estudantes atinjam seu máximo potencial dentro de sua realidade. Dessa maneira, podemos observar que o professor, enquanto profissional em uma instituição formal, tem obrigações a cumprir, como elaborar seu plano de aula, buscar estratégias para melhorar a aprendizagem dos estudantes e manter sempre um elo com a família e a comunidade. Isso porque se entende que a criança precisa do apoio familiar e da convivência com a comunidade na qual está inserida, a fim de se formar como um cidadão capaz de conviver socioemocionalmente. Conforme afirma Sacristan (1998, p.15):

A função do processo de socialização na escola é a formação do cidadão para sua intervenção na vida pública. A escola deve prepará-los para que se incorporem a vida adulta e pública, de modo que se possa manter a dinâmica e o equilíbrio nas instituições, bem como as normas de convivência que compõem o tecido social da comunidade humana.

Consoante Guillot (2008, p. 125): “os alunos não aprendem todos da mesma maneira. Ensinar não se reduz a um saber fazer diante de seus estudantes, mas a um saber fazer com que estes façam. O ensino é uma criação de situações de trabalho e de

aprendizagem.” Para tanto, é necessário “que os educadores se tornem pesquisadores do contexto educativo, ou seja, que façam o processo de ensino reflexivo em sua prática docente” (Castro e Frantz *et al*, 2020, p. 5).

Vale ressaltar que o professor deve estimular o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, buscando sempre que reflitam, analisem e questionem situações, visto que isso possibilita o desenvolvimento de suas habilidades de argumentação e resolução de problemas. Além de estimular esse desenvolvimento, o professor tem o papel de avaliar e direcionar os estudantes, identificando as especificidades de cada um e adaptando sua prática pedagógica, oferecendo, assim, oportunidades de aprimoramento.

E, por fim, acreditamos que o professor ainda é visto como um exemplo, uma espécie de modelo para os estudantes, pois, além de todos os conhecimentos científicos, ele inspira e motiva. Dessa forma, o papel do professor é primordial no âmbito educacional, uma vez que ele é responsável por compartilhar conhecimentos, estimular habilidades, promover o pensamento crítico e oferecer suporte emocional e social.

Nesse cenário, ao se falar no papel do professor para contribuir com a formação social do estudante, podemos entender que ele deve ser um facilitador da aprendizagem, e não apenas um transmissor de informações, promovendo estratégias de ensino para uma aprendizagem dinâmica. O professor também deve possuir conhecimentos especializados em sua área de atuação, tendo a responsabilidade de compartilhá-los com seus estudantes.

2.2 O professor de História como agente de transformação social

Para Freire (2011), a educação não é neutra: ou se educa para o silêncio e a submissão, ou com o objetivo de dar voz aos estudantes. Dessa forma, o professor deve se posicionar e adotar uma postura ativa, evitando a omissão. É necessário que questione a educação, refletindo sobre para quem, por que e para que ensinar. Além disso, o professor precisa conhecer seus estudantes em suas especificidades, compreendendo suas limitações e sonhos, assim como entender a essência e a finalidade de seu papel como docente.

Paiva (2015) diz que “ao professor, é incumbido o papel de sistematizar os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos a partir de seu contexto social, proporcionando atividades dirigidas e orientadas, a fim de garantir um novo significado à sua existência, seja grupal e individual”. Alguns conceitos precisam ser modificados e outros acrescentados, evitando assim entrar e sair da sala de aula sem promover essa transformação, mas sempre respeitando a identidade do estudante. Este, por sua vez, precisa compreender o poder do conhecimento para transformar e formar, tendo o professor como

um dos responsáveis pela mediação, considerando que vários agentes educacionais participam desse processo.

Nidelcoff (1979, p. 1) afirma que: “a maior preocupação do educador deveria ser em realizar seu papel junto às crianças a fim de ajudá-las a progredir como pessoas, para ajudá-las a crescer até sua plenitude”. Considerando que muitos professores ensinam apenas conteúdos sem relacioná-los à realidade do estudante, especialmente quando se trata do componente curricular de História, tema dessa discussão, essa prática se torna desmotivante. Os estudantes não conseguem compreender o porquê de estudar temas relacionados ao passado. Por isso, é essencial que o professor dê sentido e significado ao conteúdo a ser ministrado, sempre estabelecendo relações com o presente. Caso contrário, o conteúdo será apenas decorado pelos estudantes que não se sentem pertencentes à História. Borges (1980, p. 55) afirma que “é preciso conhecer o presente e, em História, nós o fazemos sobretudo através do passado, remoto ou bem próximo.”

Neste emaranhado de um contexto incerto, o papel do professor tende ao pragmatismo, por isso é preciso repensar valores e atitudes acerca desse sujeito. Freire (2011, p. 43) aponta aspectos interessantes da relação professor-estudante, no que diz respeito ao que aqueles representam para esses, no âmbito da formação. Segundo esse educador,

mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição a assunção do educando por si mesmo.

Nesse sentido, o professor Almir Messias do Nascimento (2009), em seu artigo *Função social do professor de história*, salienta que o professor de História pode ter um papel destacado na sociedade, usando o ensino como instrumento de luta e transformação social. Dessa forma, ele conduz os estudantes a desenvolverem uma consciência crítica que supere o senso comum. Isso permite que eles não apenas vejam os acontecimentos, mas também os enxerguem de maneira crítica e reflexiva. Assim, compreendem que o componente curricular de História não se limita a relatos, mas abrange experiências significativas vividas no passado, as quais influenciam o presente.

Para Bloch (1949), o professor de História é corresponsável pela formação social do estudante no Ensino Fundamental, uma vez que esse profissional pode contribuir para desenvolver o pensamento crítico e o espírito científico nos estudantes, permitindo que eles compreendam e interpretem o passado de forma mais precisa.

Além disso, deve ser papel desse professor engajar os estudantes na construção do conhecimento histórico, incentivando a investigação, o questionamento e a reflexão sobre as fontes históricas. Apoiamo-nos ainda em Jörn Rüsen (2017) para argumentar que o

professor de História deve capacitar os estudantes a entenderem o passado em suas múltiplas dimensões, incluindo aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, promovendo assim uma visão holística e contextualizada da História.

François Audigier (2016), por sua vez, defende que o professor de História deve auxiliar os estudantes a desenvolverem a consciência histórica, ou seja, a capacidade de compreender o passado como um processo em constante transformação e relacioná-lo com sua própria identidade e a realidade presente.

2.3 A função do componente curricular de História no contexto educacional

De acordo com Borges (1980), “História é uma palavra de origem grega que significa investigação, informação. Ela surge no século VI antes de Cristo. Para nós, homens do Ocidente, a história, como hoje a entendemos, iniciou-se na região mediterrânea”.

Heródoto é considerado o pai da História, pois, segundo Borges (1980), “ele é o primeiro a empregar a palavra no sentido de investigação e pesquisa”. Para Peter Burker “Heródoto e Tucídides, a história tem sido uma escrita dominante, dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis”. Silenciando dessa forma a História dos grupos minoritários.

A escola dos Annales lutou para transformar essa ideia e trouxe uma nova forma de ensinar História, valorizando a ideia de História total que valorizava todos os aspectos historiográficos. Para Felipe Cavaliere Tavares em seu artigo *De Lucien Febvre a Jacques Le Goff: A importância da escola dos Annales para a história do direito*. “Antes do movimento dos Annales, o estudo da história era, sobretudo, o estudo da história política e dos acontecimentos militares. Agora o estudo do passado é problematizado, e não meramente recuperado e catalogado”.

Para Marx e Engels, “a história é um processo dinâmico, dialético, no qual cada realidade social traz dentro de si o princípio de sua própria contradição, o que gera a transformação constante na história. A realidade não é estática, mas dialética”. Nesse sentido, o professor precisa entender que a sala de aula é um local de compartilhamento, no qual ele será ouvido, mas também será ouvinte.

A História, como componente curricular, surgiu na Europa, no final do século XIX. Através dos tempos, teve e continua tendo papel relevante na preparação dos sujeitos para a vida social. A partir de suas experiências didáticas, o ensino de História auxilia na construção da democracia e da cidadania.

Segundo Fonseca (2005), a proposta do ensino de História passa a valorizar a problematização, a análise e a crítica da realidade, transformando professores e estudantes em produtores de história e conhecimento em sala de aula, tornando todos “sujeitos históricos” do cotidiano (Fonseca, 2005, p.89).

Para Borges (1980), a História se faz com documentos e fontes, mas também com ideias e imaginação. O conhecimento histórico mergulha cada vez mais nas formas de sua própria produção, em como foi, e em como pode e deve ser escrito, isto é, sua própria história (Borges, 1980).

Marques (2014, p.14) aponta que “nossa identidade, seja individual, seja coletiva, não é inata, ainda que dependa muito de onde e quando nascemos. Ela é historicamente construída e por isso é fundamental conhecer nossa História para que possamos compreendermos melhor”. Portanto, conhecer nossa história é crucial para que se possa conhecer melhor quem somos, contextualizar nossas raízes, apreciar a diversidade e desenvolver empatia pelas diversas trajetórias que moldaram nosso mundo, nossa sociedade e, conseqüentemente, nós. Dessa forma, compreender a História é compreender a própria trajetória da humanidade e seu papel na sociedade, como afirma Borges (1980, p. 48):

A História é a história do homem visto como um ser social, vivendo em sociedade. É a história das transformações humanas, desde o seu aparecimento na terra até os dias em que estamos vivendo. Desde o início, portanto, pode-se tirar uma conclusão fundamental que saibamos ou não, que aceitemos ou não, somos parte da História e todos desempenhamos nela um papel. E temos então todos, desde que nascemos, uma ação concreta a desempenhar nela (Borges, 1980, p. 48).

Assim, quando se pensa no ensino de História nas salas de aula, é necessário compreender que essa disciplina permite estudar a vida de todos os homens e mulheres, no sentido de rever e analisar suas experiências individuais e coletivas (Schmidt; Garcia, 2005).

Borges diz que “o conhecimento histórico serve para nos fazer entender, junto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa atuação na história” (Borges, 1980, p.48).

Inicialmente, o componente curricular de História entra nas escolas como uma forma de conhecer o passado e era ensinado com base em datas e acontecimentos já ocorridos, seguindo um método de repetição e memorização, como explica Bittencourt (2014, p. 69):

Os métodos de ensino baseados na memorização correspondiam a um entendimento de que “saber história” era dominar muitas informações, o que na prática, significava saber de cor a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional.

Estudar o passado apenas para decorar nomes e datas não faz sentido; é necessário construir uma ponte entre passado e presente, dando significado e pertencimento para que

os estudantes consigam compreender sua importância e relevância na sociedade. Não se aprende escutando o mestre ou professor e repetindo o que ele diz. Nem se aprende memorizando listas e lições. Aprende-se buscando, experimentando, refletindo, discutindo, confrontando, inventando, resolvendo. O educador como um bom treinador, ajuda a aconselha, corrige, anima, descobre talentos e possibilidades [...] (Esclarin, 2001, p.181).

Nessa mesma linha de pensamento Borges afirma que:

O passado visto por si mesmo, o passado pelo passado, tem um interesse muito limitado, e, por vezes, nulo. Mas a história hoje em dia não visa explicar esse passado distante e morto. E é a contribuição que ela pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação fora das universidades e das escolas onde ela está prisioneira há longos anos. Essa divulgação se torna importante na medida em que se acredita que a história, ajudando a explicar a realidade, pode ajudar ao mesmo tempo a transformá-la. (Borges, 1980, p.08).

Santos (2020) comenta que esse tipo de ensino só seria positivo se fosse relacionado com acontecimentos do presente, pois estudar o passado apenas para memorizar não leva a uma compreensão de fato do que é aprender História. Assim, o ensino deste componente curricular vai além de um conjunto de dados estatísticos, mas deve ser moldado em um contexto contemporâneo e, sobretudo, baseado na realidade vivenciada pelo estudante, uma vez que

“aprender História é ler e compreender o mundo em que vivemos e no qual outros seres humanos vivem” (Silva; Fonseca, 2010). Dado que é inevitável as relações humanas na construção da historicidade – e especificidade histórico-humana – de cada pessoa – considerando que sozinho um indivíduo não cria sua própria existência, pois esta está ligada a consciência do seu eu e não apenas ao fato de se estar vivo – ; nada mais adequado do que promover esse contato com a História nos primeiros anos de convívio escolar, pois assim a compreensão sobre direitos e sobre a responsabilidade que temos em respeitar a posição do outro é absorvida para as práticas diárias mais facilmente (Santos, 2020, p. 9).

Desse modo, o ensino de História no Ensino Fundamental é parte essencial na vida do estudante, uma vez que “ao Ensino de História cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos (Silva; Fonseca, *apud* Santos, 2020, p. 10). Portanto, é no ensino de História que as crianças irão verdadeiramente conhecer o que é ser cidadão, tendo uma compreensão dos aspectos políticos de uma sociedade, levando os estudantes a desenvolverem uma visão crítica e analítica sobre a sociedade à qual pertencem. Para Borges, “a transformação é a essência da história, quem olhar para trás, na história e sua própria vida, compreenderá isso facilmente” (Borges, 1980, p.50).

Nesse cenário, os estudantes aprendem sobre o papel dos indivíduos na sociedade, as lutas sociais, as conquistas e os desafios enfrentados ao longo da história. Isso os capacita a tomar decisões informadas, exercer sua cidadania e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática no presente. Como explica Borges (1980, p.55):

Quando se analisa um passado que nos parece remoto, portanto, seu estudo é feito com indagações, com perguntas que nos interessam hoje, para avaliar a significação desse passado e sua relação conosco. A história também é aceita como estudo do passado em função do presente. A partir de um diagnóstico do presente, a história pode ajudar a delinear ações para o futuro.

Coadunamos ainda com Onório e Treviso (2017, p. 288) quando dizem que: “assim a História passa a ser uma disciplina fundamental para a compreensão do mundo e seu processo de transformação”. Portanto, esse componente curricular não é um conjunto de fatos, eventos e heróis do passado, mas deve estimular o pensamento crítico e a reflexão, questionando a realidade ao seu redor com o intuito de melhorá-la. Vale ainda ressaltar, que as aulas de História contribuem para o desenvolvimento da criança na sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais⁴ indicam como objetivos do Ensino Fundamental que os estudantes sejam capazes de:

compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

Mediante o exposto, vale ressaltar a fundamental importância do professor nesse processo de construção da aprendizagem dos estudantes para alcançar os objetivos propostos pelos PCNs do Ensino Fundamental. Acredita-se no poder de contribuição que o professor tem nas mãos, na formação cidadã do estudante, como um agente de transformação na sociedade.

2.4 A formação social do estudante nas aulas de História no Ensino Fundamental II

Santos (2020) afirma que vivemos em uma sociedade que está em constante conflitos e contradições, onde existe uma falsa sensação de pacificidade. Falsa, pois, se paramos para acompanhar os noticiários, presenciaremos violência, ódio, desigualdade

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

social, fome, racismo e conflitos sociais e políticos. Portanto, o professor de História em sua prática pedagógica, pode trabalhar esses temas dentro dos conteúdos propostos, por meio da interdisciplinaridade, contribuindo para o fortalecimento de uma consciência crítica e reflexiva dos estudantes no ensino fundamental II. Dessa forma, eles compreenderão a importância de viver em sociedade como protagonistas de sua própria história, respeitando direitos e exercendo deveres, a fim de possibilitar uma sociedade melhor no futuro. De acordo com esse pensamento, Libâneo (2008) afirma que:

No campo da ética, o mundo contemporâneo convive com uma crise de valores predominando um relativismo moral baseado no interesse pessoal, na vantagem, na eficácia, sem referência a valores humanos como a dignidade, a solidariedade, a justiça, a democracia, o respeito a vida. É preciso a colaboração da escola para a revitalização da formação ética (Libâneo, 2008, p.50).

Diante disso, com o intuito de promover uma educação justa e formativa, foi instituída, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual estabelece diretrizes e habilidades necessárias para o desenvolvimento integral do estudante. Sobre o ensino de História, esse documento orienta que o professor deve ensinar aos estudantes não apenas fatos históricos, mas também relações de poder, estruturas sociais, políticas, econômicas e sociais, proporcionando uma compreensão mais abrangente e contextualizada do desenvolvimento histórico ao longo do tempo e em diferentes espaços.

Um exemplo do que a BNCC orienta os professores a ensinarem em suas aulas do Ensino Fundamental II pode ser percebido nas seguintes habilidades:

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial, étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática) e os interesses políticos e econômicos.
(EF08HI16) Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado, durante o período regencial do Brasil.
(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil (Brasil, 2017).

Assim, podemos analisar que tais habilidades a serem alcançadas permitem que o professor de História faça um paralelo com o passado, trazendo uma crítica reflexiva para a sociedade atual. Dessa forma, os estudantes podem compreender todos os aspectos sociais e políticos que permeiam uma sociedade, tendo plena consciência do que evoluiu e do que ainda precisa continuar evoluindo. Para Libâneo (2008), os conhecimentos científicos devem estar relacionados com os conhecimentos cotidianos. Ou seja, é necessário construir uma ponte entre o conteúdo a ser ministrado e a realidade vivenciada pela criança. Essa ponte é o que dá significado ao que se ensina e ao que o estudante abstrai, considerando o contexto sociocultural e resguardando a individualidade das crianças nesse processo.

Nesse cenário, as aulas de História no Ensino Fundamental II contribuem para a

formação da consciência histórica dos estudantes, ajudando-os a compreender sua própria identidade e a identidade coletiva de seu grupo social. É de fundamental importância que o professor do componente curricular de História desenvolva uma consciência histórica crítica, que permita aos estudantes refletirem sobre seu lugar no tempo e na sociedade (Rusen, 2017).

Keith C. Barton (2004) enfatiza a importância de desenvolver habilidades de pensamento crítico e análise de fontes históricas. As aulas de História no ensino fundamental II devem incentivar os estudantes a questionarem, interpretar e avaliarem as informações históricas, considerando seu contexto, vieses e confiabilidade, pois,

se queremos contribuir para a formação de sujeitos críticos, é fundamental que esses sujeitos, embora de pouca idade, possam falar e ser ouvidos. É preciso também que haja espaço para a diversidade de opiniões, permitindo desde cedo o convívio com as diferenças. Assim como novas informações alimentam a construção de novos conhecimentos por parte dos adultos, o mesmo acontece com as crianças, que devem ter o direito de participar de experiências significativas, em que a informação seja aliada de novas interações (Dias, 2009, p.191).

O professor precisa aprender a ouvir, dar a palavra, mostrar interesse naquilo que o estudante está compartilhando e permitir que os estudantes façam parte da construção do conhecimento. Em relação ao componente curricular de História, é necessário ter cuidado para que as aulas não se tornem cansativas, criando metodologias para expor o conteúdo de forma mais leve e trazendo o estudante para o centro da discussão, para que ele entenda o significado e pertencimento daquele momento histórico, despertando, assim, a vontade de aprender. Nessa perspectiva, o professor ensina visando o desenvolvimento integral do estudante em todas as dimensões formativas. Esclarin diz que:

É preciso educar os olhos, para saber observar, contemplar e admirar a beleza do universo; para saber olhar com carinho e compreensão; para ver a realidade sem medo. Educar os ouvidos para saber escutar antes de falar e assim poder compreender e dialogar; escutar o silêncio para poder refletir e construir nele palavras-testemunho. Educar a língua para ser homens e mulheres de palavra responsável, para pronunciar palavras que alentem, que aproximem, que construam pontes. Educar o olfato para saber farejar o que está acontecendo, o que se esconde atrás das aparências, para não se contentar com a primeira explicação. Educar as mãos para que sejam honestas e trabalhadoras, e estejam sempre dispostas a dar e a receber, a estender-se para quem precise delas. Educar os pés para que sejam fortes e solidários, espertos para caminhar ao encontro do próximo, para traçar o próprio caminho com autenticidade e liberdade. Educar a sexualidade para que seja assumida com maturidade e responsabilidade, para que o sexo seja vivido como uma comunhão profunda dos corpos no diálogo sublime da entrega e do amor. Educar o estômago para saber comer e beber com moderação, sem se escravizar a comida nem a bebida. Educar o coração, o sentimento os afetos, os valores, coração grande, com as portas abertas, para que todos possam entrar e nele ficar; coração generoso, solidário, capaz de se compadecer do próximo e correr em sua ajuda. Educar a imaginação, a criatividade, os sonhos, a esperança para imaginar um mundo diferente e

comprometer-se com sua construção (Esclarin, 2006, p. 168).

O professor tem a grande responsabilidade de mostrar ao estudante que a escola é muito mais do que um local para aprender a ler, escrever e contar; acima de tudo, é um local onde se deve aprender a viver. Libâneo (2008) diz que: “A escola precisa de uma formação que ajude o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores” (Libâneo, 2008, p.54). Nesse sentido, Brito corrobora essa ideia ao dizer que:

À escola cabe, então, repensar o seu papel social na formação do aluno, ajudando-o a capacitar-se na construção de sua própria história, resgatando, valorizando e recorrendo aos valores sociais, éticos, morais, humanos e ambientais no período de seu desenvolvimento escolar. A escola cidadã tem o poder de fazer de cada pessoa um agente de transformação. Essa instituição vai além do conhecimento científico ao preparar seus alunos para exercer sua própria cidadania e a cidadania coletiva. A escola deve ser, então, baseada na democracia, efetivando a participação de seus alunos e professores na sua gestão (Brito, 2010, p. 11).

Gabriel Chalita (2001, p. 255), em seu livro *Educação: A Solução está no Afeto*, afirma que: “O processo educacional transcende os muros de uma instituição de ensino”, pois aquilo que o aluno aprende dentro da sala de aula servirá para toda a vida, mesmo quando ele não estiver em uma esfera educacional. Por isso, é importante auxiliar os alunos a se desenvolverem, principalmente nos aspectos sociais e emocionais.

Portanto, entendemos que educar não é apenas transmitir informação, desenvolvendo meramente a capacidade intelectual do indivíduo. O processo educacional é completo quando o estudante aprende a aprender a fazer, aprende a viver junto e aprende a ser (Asmann e Jung, 2000, p. 211).

Assim, o professor não deve afastar seus conteúdos da realidade do estudante; ao contrário, é essencial manter uma conexão significativa, pois é dessa forma que o aprendizado ganha relevância e sentido para os estudantes. É de fundamental importância que ele construa uma passarela entre os dois. Dessa maneira, o professor precisa relacionar o conteúdo a ser trabalhado com a realidade vivenciada pelo estudante, para facilitar sua compreensão e tornar a aprendizagem mais significativa. Quando os estudantes conseguem estabelecer conexões entre o que estão estudando e sua própria experiência de vida, o processo de aprendizado se torna mais relevante e estimulante. De acordo com Libâneo:

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e o estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho (Libâneo, 1994, p. 87).

O professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes. Suas atitudes, comportamentos e valores influenciam diretamente a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes, contribuindo para sua visão de mundo, capacidades e autoestima. Nesse sentido, Esclarin afirma que:

A formação nunca termina e implica todas as dimensões e etapas da pessoa. Formar-se é construir-se, inventar-se, chegar a ser a pessoa plena que alguém se propõe ser. Quanto mais uma pessoa for educada, tanto mais formação continuará precisando ao longo de sua vida (Esclarin, 2006, p.189).

Nesse cenário, a educação precisa cumprir seu papel social, ensinando o estudante a conviver em sociedade com responsabilidade, respeito e caráter, desenvolvendo sua responsabilidade como cidadão consciente, cumprindo com seus deveres e reivindicando seus direitos. Diante disso, a importância da educação como meio de promover o desenvolvimento social é reforçada por Delors, que afirma:

Em todo o mundo, a educação, sob as suas diversas formas, tem por missão criar, entre as pessoas, vínculos sociais que tenham a sua origem em referências comuns. Os meios utilizados abrangem as culturas e as circunstâncias mais diversas, em todos os casos a educação tem como objetivo essencial o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social (Delors, 2003, p. 51).

Dessa forma, a escola é o lugar do conhecimento e do desenvolvimento cognitivo. Por isso, é importante que haja interação e diálogo entre os membros que atuam no âmbito escolar. No que se refere ao ensino, este deve estar voltado para o ser humano, ensinando para a vida, e não apenas para passar em um vestibular ou conseguir um emprego. Indubitavelmente, é preciso educar para formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, que saibam o momento de expor ideias, de reivindicar ou de permanecer em silêncio. Quando isso acontecer, certamente mudanças positivas ocorrerão em nosso cotidiano e na sociedade.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo utiliza como instrumento teórico-metodológico a pesquisa bibliográfica qualitativa, pois sua construção está sustentada em leituras, análise e interpretações de livros, artigos, revistas, redes eletrônicas.

Diante disso, inicialmente abordamos a pesquisa bibliográfica, realizando uma leitura crítico-reflexiva relacionada ao tema, por meio de livros, artigos já publicados, a fim

de enriquecer nosso conhecimento e, assim, desenvolver a fundamentação teórica deste trabalho.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Esse método de pesquisa possibilita que o pesquisador fundamente seu estudo através de conhecimentos já existentes sobre o tema e, ao fazer uma revisão da literatura, consiga contextualizar seu trabalho, realizando contribuições e preenchendo lacunas permitindo um novo conhecimento sobre o assunto em debate. Como aponta Severino, esse método de pesquisa se baseia em

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Assim, podemos afirmar que a pesquisa bibliográfica consiste na reunião de informações e dados provenientes de documentos impressos, artigos, dissertações e livros publicados. Esses textos e informações servem como fontes essenciais para a construção da base teórica da pesquisa, cabendo ao pesquisador explorar tais documentos de forma crítica e reflexiva a fim de justificar ou afirmar os dados pertinentes à sua pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo buscou responder à pergunta: Como o professor de História pode contribuir para a formação social do estudante do ensino fundamental II? A partir do levantamento bibliográfico, foi possível compreender que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdos históricos, uma vez que envolve o estímulo ao pensamento crítico, à reflexão e à formação de cidadãos conscientes.

Os resultados evidenciam que o componente curricular de História no Ensino Fundamental II é uma ferramenta poderosa para fomentar a consciência crítica dos estudantes, estimulando-os a relacionar os fatos históricos com sua realidade e compreendendo a história como processo dinâmico e dialético. Isso está alinhado à abordagem de autores como Libâneo (2008), que defende o papel da educação na revitalização ética em um mundo marcado por conflitos e crises de valores, e Freire (2011), que ressalta a necessidade de uma prática educativa voltada para a emancipação do

estudante.

Neste contexto, a pesquisa confirmou a hipótese de que o professor de História tem a responsabilidade de ir além de uma abordagem conteudista, atuando como mediador do conhecimento e orientando os estudantes na compreensão de sua própria identidade e dos processos sociais que os cercam. A prática pedagógica do professor deve, assim, promover a contextualização dos fatos históricos, conectando o passado ao presente e incentivando o estudante a questionar, analisar e discutir diferentes perspectivas históricas e sociais.

Os resultados destacam, ainda, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desempenha papel relevante na orientação para a prática pedagógica do professor de História, promovendo competências e habilidades que transcendem o simples acúmulo de conhecimentos. A BNCC aponta para a necessidade de formar estudantes capazes de analisar criticamente os acontecimentos históricos, desenvolver uma consciência social e política e compreender o impacto de suas ações no contexto em que vivem.

A prática do professor de História no ensino fundamental II deve ser norteadada por uma abordagem que privilegie o desenvolvimento integral do estudante, permitindo que ele se torne protagonista de sua própria aprendizagem e compreenda seu papel social. Conforme evidenciado nos autores estudados, o professor deve proporcionar discussões que ampliem a visão de mundo dos estudantes, promovendo a compreensão de temas como cidadania, valores éticos, política e responsabilidade social.

Esses resultados reforçam a ideia de que o professor de História não apenas transmite informações, mas desempenha papel fundamental na formação ética, social e política dos estudantes. Sua atuação deve possibilitar a construção de conhecimentos que conectem a história à realidade dos alunos, promovendo a compreensão dos processos históricos e seu impacto na vida cotidiana.

Em resumo, a análise realizada ao longo deste estudo confirma que o professor de História é um agente transformador no ensino fundamental II. Sua prática pedagógica deve promover o desenvolvimento de habilidades sociais e éticas, e incentivar a construção de uma consciência histórica crítica. A pesquisa bibliográfica revelou que a formação social dos estudantes é potencializada quando o ensino de História é contextualizado e relacionado à vivência dos alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e relevante.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar a compreensão do papel do professor de História na formação social dos estudantes, fornecendo subsídios para que novas pesquisas sejam realizadas e que práticas pedagógicas eficazes sejam desenvolvidas no âmbito do ensino fundamental II.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo compreender o papel do professor de História na formação social dos estudantes do Ensino Fundamental II, orientando-se pelo questionamento: como o professor de História pode contribuir para essa formação? A partir de uma pesquisa bibliográfica, analisou-se criticamente a literatura já existente sobre o tema, com foco no entendimento do impacto da prática docente na construção do pensamento crítico e social dos alunos.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, confirmando que o componente curricular de História desempenha uma função essencial ao estimular o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e ético dos estudantes. As aulas de História possibilitam que os alunos relacionem fatos históricos ao contexto atual, desenvolvendo uma compreensão mais profunda de sua realidade e, conseqüentemente, da sociedade em que estão inseridos. Tal abordagem fomenta uma educação que vai além da simples transmissão de conteúdos, valorizando a formação cidadã e o engajamento social.

Dessa forma, confirmou-se a hipótese de que o professor de História exerce um papel central na formação de cidadãos conscientes e críticos. Sua atuação vai além da narrativa do passado, incluindo a orientação e o estímulo para que os estudantes compreendam o impacto de suas ações e responsabilidades na sociedade. O professor torna-se, assim, um agente de transformação, que, por meio de sua prática pedagógica, colabora para a construção de valores éticos, cidadania ativa e participação social, preparando os alunos para os desafios do presente e do futuro.

A contribuição deste trabalho para a área educacional está em ressaltar a importância da prática pedagógica contextualizada e crítica do professor de História na etapa escolar do Ensino Fundamental II. A pesquisa evidencia a necessidade de um ensino que promova reflexões sobre temas sociais, políticos e culturais, facilitando a construção de uma visão crítica dos estudantes sobre sua realidade e história. Futuras pesquisas poderão explorar estratégias didáticas que aprimorem essa prática, reforçando o papel transformador do ensino de História na formação social dos alunos.

Espera-se, ainda, que este artigo contribua para auxiliar os professores a compreenderem a importância de seu papel na formação social dos estudantes, promovendo um ensino de qualidade para as crianças/adolescentes. Além disso, espera-se que este trabalho sirva de base para que novos estudos sejam realizados, com o intuito de valorizar a atuação do professor de História na construção do pensamento crítico e social dos estudantes no contexto educacional.

Podemos concluir, com base em todos os autores estudados, que é possível ao

professor de História, em sua prática pedagógica, contribuir para a formação social do estudante. Além disso, o desenvolvimento de competências como análise crítica, resolução de conflitos e contextualização histórica fortalece a formação de uma visão crítica sobre o passado e o presente prepara os estudantes para serem cidadãos conscientes e ativos na sociedade.

As aulas de História são, portanto, uma oportunidade fundamental para fazer um paralelo entre o passado e o presente, com o objetivo de compreender nossa realidade e a sociedade em que estamos inseridos. Urge que, enquanto educadores, pensemos em métodos didático-pedagógicos inovadores e dinâmicos que promovam um ensino significativo e transformador, ampliando a capacidade dos estudantes de refletir criticamente e intervir na sociedade.

REFERÊNCIAS

AUDIGIER, François. **História escolar, formação da cidadania e pesquisas didáticas**. In: GUIMARÃES, Selva (org.). Ensino de História e cidadania. Campinas, SP: Papirus, 2016.

ASMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e Sensibilidade Solidária: Educar Para a Esperança**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARTON, Keith C. **Polêmicas em currículo e ensino de história**. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/download/4444/2426/13725>. Acesso em 23/06/2024.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. Editora: Brasiliense, 1993.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989** / Peter Burke; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Daniela. **Ética, Cidadania e Meio Ambiente: Guia e recursos didáticos**. Volume 01 Goiânia: FAEG/ SENAR, 2010.

BRIGHENTE, Miriam Furlan. MESQUIDA, Peri. **Paulo Freire: da denúncia da**

educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. Site: Scielo Brasil.

Disponível em :
<https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/abstract/?lang=pt> Acesso em 20/10/2024.

CASTRO, Maickelly Backes. NEHRING, Cátia Maria. FRANTZ, Walter. **O papel do professor no processo do ensino e da aprendizagem dos sujeitos.** Site: Salão do conhecimento, publicado 21/10/2020. Disponível em:
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/18445>. Acesso em 15/05/2024.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto/** São Paulo: Editora Gente, 2001 1ª ed. 2004 edição revista e atualizada.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

DIAS, Karina Sperle. **Formação Estética: Em busca do olhar sensível.** IN KRAMER, Sonia. Infância e educação infantil. Campinas, São Paulo. Editora: Papirus, 1999. Vários autores, 8 ed. 2009.

ESCLARÍN, Antônio Perez. **Educar para humanizar.** Editora: Paulinas, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1987.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica.** In: Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em:
http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%Ao_Cultural_para_a_Liberdade.pdf acesso em: 15.01.2024.

HADJI, Charles. **Pensar e Agir a Educação: da inteligência do desenvolvimento do desenvolvimento da inteligência –** Porto Alegre. Editora: Artmed, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MARQUES, Devid. **A importância do ensino de história de São Paulo no Ensino Fundamental Paulista.** Trabalho de conclusão de curso. PUC/SP, São Paulo. 2014. Disponível em:
<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/28341/1/DEIVID%20MARQUES%20%20TCC.pdf> Acesso em 23/01/2024.

NASCIMENTO, Almir Messias. **Residência Pedagógica. Função Social do professor de história.** Disponível em: <http://www.fai.com.br/portal/pibid/> Acesso em: 16/05/2023.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade: ensaio sobre a metodologia das Ciências sociais.** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem.** Arquivo 9402 Site Inesul. 2013. Disponível em: [//www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf](http://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf). Acesso em: 10/01/2024.

ONÓRIO, Márcio José. TREVISO, Vanessa Cristina. **A importância do ensino de história no ensino fundamental, a partir de uma perspectiva marxista.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 274-295, 2017. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193457.pdf> Acesso em: 26/01/2024.

RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa, Buenos Aires, Ano 4, n.7, p.27-36. oct. 1992.** Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio.. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.

SANTOS, Elieide Pereira. BATISTA, Isleide Carvalho. SOUZA, Mayane Leite da Silva. **O processo didático educativo: uma análise reflexiva sobre o processo de ensino e a aprendizagem.** Site Brasil Escola. 2013. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/processo-didatico-educativo-analise-reflexiva-sobre-processo-ensino-aprendizagem.htm>. Acesso em: 22/01/2024.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino.** Tradução Ernani F. Da Fonseca Rosa. 4º ed. Artmed, 1998.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bnBSVjTpFS7wbs9W659NMGC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08/01/2024.

TAVARES, Felipe Cavaliere. **De Lucien Febvre a Jacques Le Goff: A importância da escola dos Annales para a história do direito.** Disponível em ; <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=5d69dc892ba6e79f> Acesso 20/10/2024.